



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

RELAÇÕES ENTRE A TEORIA DA REPRESENTAÇÃO NO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS* DE WITTGENSTEIN E A *RAIZ QUADRÚPLICE DO PRINCÍPIO DE RAZÃO SUFICIENTE* DE SCHOPENHAUER

Paulo César Oliveira Vasconcelos¹

RESUMO: O presente artigo discute a possibilidade de uma interpretação do conceito de Representação presente no ‘Tractatus Logico-Philosophicus’ a partir do princípio de razão suficiente de Schopenhauer. Assim como Wittgenstein, o filósofo alemão busca através desse conceito esclarecer “problemas de má compreensão” e o uso equivocado da linguagem no discurso filosófico da tradição que o precede, tal como a lógica da linguagem o faz, no interior do ‘Tractatus’, com o limite e as possibilidades de representação no “interior na língua” (*whithin*). Ambas as abordagens pressupõem um princípio transcendental, auto evidente e que estabeleça a condição da apreensão e representação do mundo. Limitando-se aos aspectos kantianos da filosofia de Schopenhauer é que se poderia afirmar a aproximação proposta. Pretende-se demonstrar ao final desta exposição, a partir da relação entre o “princípio de razão suficiente do devir”, no qual o mundo “se mostra” como atividade e determinação mútua entre objetos (estado de coisas), de forma imediata, uma manifestação da essência íntima do mundo (o místico), e o “princípio de razão suficiente do conhecer” como a esfera da linguagem, dos conceitos e dos juízos. As formas de apreensão do mundo direta e intuitiva para o sujeito e representada pela ciência através da linguagem devidamente

1 Professor pleno I seduc-ce. Dutorando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: paulocesaroliveiravasconcelos@gmail.com

“purificada” de equívocos e maus usos coloca os dois projetos filosóficos em unísono.

Palavras-Chave: Linguagem; Representação; Princípio de razão suficiente; Schopenhauer; Wittgenstein.

RELATIONS BETWEEN THE THEORY OF REPRESENTATION IN WITTGENSTEIN'S 'TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS' AND THE SCHOPENHAUER'S 'ON THE FOURFOLD ROOT OF THE PRINCIPLE OF SUFFICIENT REASON'

ABSTRACT: This paper presents the possibility of an interpretation of the concept of Representation present in the 'Tractatus Logico-Philosophicus' based on Schopenhauer's principle of sufficient reason. In the same way as Wittgenstein, the German philosopher seeks through his concept to clarify “problems of misunderstanding” and misuse of language in the philosophical discourse of the tradition that precedes him, as the logic of language does in the 'Tractatus', with the limit and possibilities of representation from “within” the language. Both approaches presuppose a transcendental, self-evident principle that establishes the condition of apprehension and representation of the world. Limited to the Kantian aspects of Schopenhauer's philosophy, the proposed approach could be attempted. It is intended to demonstrate at the end of the research, from the relationship between the “principle of sufficient reason of becoming” , where the world “shows itself” as activity and mutual determination between objects (state of affairs), in an immediate way, a manifestation of the intimate essence of the world (the mystic), and the “principle of sufficient reason of knowing” as the sphere of language, concepts and judgments. The direct and intuitive ways of perceiving the world for the subject and which is represented by science through the “purified” language of mistakes and misuses puts the two philosophical projects in affinity.

Keywords: Language; Representation; Principle of sufficient reason; Schopenhauer; Wittgenstein;

1. Introdução

O presente artigo discute a possibilidade de novas interpretações a respeito da influência da filosofia de Arthur Schopenhauer no pensamento do primeiro Wittgenstein. Mais especificamente, trata-se de fornecer uma interpretação acerca da relação linguagem-mundo no interior do *Tractatus Logico-Philosophicus*² que possa

² Aqui se adotará para citações diretas a tradução em língua portuguesa de José Arthur Giannotti (WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução e apresentação de José Arthur Giannotti. Companhia Editora Nacional Editora Da Universidade De São Paulo. São Paulo, Guairacá Revista de Filosofia, Guarapuava-PR, V38, N1, P. 157-186, 2022.

remeter aos conceitos desenvolvidos na *Sobre a Raiz Quadrúplice do Princípio de Razão Suficiente*³, obra de Schopenhauer que constitui seu texto de doutoramento. Se busca demonstrar que a teoria da figuração do *Tractatus*, independente de sua influência direta por Schopenhauer, é mais bem compreendida pela remissão à doutrina deste. Bem como a teoria da figuração do *Tractatus* ajuda a “atualizar” pelo vocabulário da virada linguística a teoria da quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente de Schopenhauer.

A busca por ligações entre a filosofia de Ludwig Wittgenstein e Arthur Schopenhauer não é algo inédito entre os estudiosos do *Tractatus*. De fato, existem ligações entre os dois filósofos. Wittgenstein foi leitor de Schopenhauer⁴. Entre comentadores clássicos, por exemplo Elizabeth Anscombe, encontra-se respaldo para filiar conceitos desenvolvidos no *Tractatus* cuja gênese remonte a Schopenhauer, como se pode constatar na seguinte passagem:

If we look for Wittgenstein’s philosophical ancestry, we should rather look to Schopenhauer; specifically, his ‘solipsism’, his conception of ‘the limit’ and his ideas on value will be better understood in the light of Schopenhauer than of any other philosopher⁵ (ANSCOMBE, 1959. p. 12).

Essa passagem de *An Introduction to Wittgenstein’s Tractatus* (1959) justifica a

1968). O recurso as traduções inglesas de C. K. Ogden e David Pears & Brain McGuinness, bem como ao original alemão será utilizado sempre que necessário (*Tractatus Logico-Philosophicus - Logisch-philosophische Abhandlung* By Ludwig Wittgenstein. First published by Kegan Paul (London), 1922. Side-by-side-by-side edition, version 0.59 (may 12, 2021), containing the original German, alongside both the Ogden/Ramsey, and Pears/McGuinness English translations. Available at: <http://people.umass.edu/klement/tlp/>).

3 Quanto ao texto de Schopenhauer será utilizada aqui para citações diretas a tradução em língua portuguesa de Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. (SCHOPENHAUER, A. *Sobre a raiz Quadrúplice do Princípio de Razão Suficiente*. Tradução e prefácio de Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.). O recurso as traduções em língua espanhola (*De la cuádruple raíz del principio de razón suficiente*. Trad. Leopoldo- -Eulogio Palacios. Madrid, Gredos, 1981.), inglesa (*On the Fourfold Root of the Principle of Sufficient Reason*. Trad. K. Hillebrand. London, G. Bell, 1889.) e ao original alemão (*Ueber die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde*. Leipzig – F. U. Brodhhaus, 1864.) será utilizado sempre que necessário.

4 “No seu livro *Wittgenstein’s Vienna*, Allan Janik e Stephen Toulmin analisam a gênese do *Tractatus* [...] consideram, detalhadamente, o possível peso de outras influências sobre o pensamento de Wittgenstein, para além das de Frege e Russell, nomeadamente a influência de autores tão inesperados como A. Schopenhauer” (MIGUENS, 2007. p. 130); Severin Schroeder em seu artigo *Schopenhauer’s influence on Wittgenstein*, trata sob vários aspectos dos impactos do pensamento de filósofo alemão sobre a filosofia do autor do *Tractatus*, inclusive seus ecos no próprio *Tractatus* (*Schopenhauer’s Influence on Wittgenstein*. In: *A Companion to Schopenhauer*. B. Vandenberghe (ed.) Oxford: Blackwell, 2012).

5 “Se olharmos para a ascendência filosófica de Wittgenstein, deveríamos procurar antes por Schopenhauer; especificamente, seu ‘solipsismo’, sua concepção de ‘limite’ e suas ideias sobre o valor serão melhor compreendidas à luz de Schopenhauer do que de qualquer outro filósofo” (todas as traduções feitas ao decorrer do texto são próprias).

busca por aspectos da gênese do *Tractatus* em Schopenhauer. Anscombe⁶ recorre a Schopenhauer para a explicação dos aforismos 5.6; 5.61; 5.62 do *Tractatus*, remetendo-os ao solipsismo:

It is not possible to understand this passage unless one has a good deal of sympathy with solipsism. We should remember that Wittgenstein had been much impressed by Schopenhauer as a boy; many traces of this sympathy are to be found in the *Tractatus*⁷ (Idem. p. 168)".

Ora, o conceito de solipsismo que, nas palavras de Anscombe liga Schopenhauer à Wittgenstein é remetido ao “sistema” filosófico do *Mundo como Vontade e Representação*, mais especificamente o seu Livro I, texto certamente conhecido por Wittgenstein, mas pode certamente ser melhor compreendido a partir do detalhamento de seus pressupostos transcendentais presentes na *Raiz Quadrúplice*. Conforme diz o próprio Schopenhauer “expliquei detalhadamente na minha *Dissertação sobre o princípio de razão* como ele é a condição de todo objeto possível” e “mostrei que essa relação necessária, expressa de uma maneira geral pelo princípio de razão, reveste formas diversas conforme a diferença das classes em que se vêm colocar os objetos sob o ponto de vista de sua possibilidade” (SCHOPENHAUER, 2001. p. 12). Deve-se supor sempre implicitamente que tudo o que fora escrito nessa dissertação esteja conhecido e presente à mente do leitor⁸ do *MVR*⁹ (idem.).

Assim o conceito de *razão suficiente* toma os moldes do kantismo e possibilita uma abordagem tanto intuitiva quanto discursiva acerca da relação linguagem-mundo e traz um desenvolvimento bastante específico sobre esse conceito, já desenvolvido anteriormente por Leibniz e Wolf, por exemplo, como o próprio filósofo evidencia no segundo capítulo da *Raiz Quadrúplice*¹⁰.

Aproximar o conceito de *razão suficiente* desenvolvido na *Raiz Quadrúplice* da filosofia do primeiro Wittgenstein pode oferecer uma concepção inovadora sobre a compreensão do conceito de representação no *Tractatus*. Tal como pretende

6 Embora a interpretação clássica de Anscombe sugira uma aproximação muito mais “analítica” para o *Tractatus* como sugerem Janik e Toulmin na passagem “the commentaries of, for example, Max Black and Elizabeth Anscombe - that is based almost exclusively on Wittgenstein’s association with the logicians Gottlob Frege and Bertrand Russell” (1973, p. 12).

7 “ Não é possível entender esta passagem a menos que tenhamos boa simpatia pelo solipsismo. Devemos lembrar que Wittgenstein fora muito impressionado por Schopenhauer quando menino; muitos traços dessa simpatia podem ser encontrados no *Tractatus*”.

8 Obviamente desta passagem não decorre necessariamente que o próprio Wittgenstein houvesse lido o texto da *Raiz Quadrúplice*. Uma vez que a investigação não se ancorou fundamentalmente em aspectos historiográficos, vale lembrar que a perspectiva aqui é oferecer uma leitura coerente da teoria da figuração a partir de Schopenhauer. A centralidade do texto da *Raiz Quadrúplice* se deve ao fato de ser esta uma obra fundamental para a compreensão da leitura schopenhaueriana da filosofia kantiana.

9 A partir daqui essa será abreviatura para *O Mundo como Vontade e Representação*.

10 *Raiz Quadrúplice*, Cap. 2, Aforismos 9 e 10.

Wittgenstein em seu texto, esse princípio desenvolvido na *Raiz Quadrúplice* é transcendental, auto-evidente e um limite das possibilidades do mundo enquanto representação. Pretende-se mostrar aqui que há na *Raiz Quadrúplice* uma chave para a interpretação daquilo que pode ser dito (linguagem) e daquilo que apenas se mostra (intuição). Nesse artigo, apresentam-se as ideias que conduzirão a pesquisa mais rubusta e detalhada sobre a tese levantada.

Dois desafios fundamentais se colocam diante dessa proposta: primeiro demonstrar de forma plausível como os conceitos desenvolvidos no texto de Schopenhauer seriam familiares ao filósofo austríaco a ponto de influenciá-lo ainda que “subterraneamente” na construção de seu pensamento e, em segundo momento, promover uma exegese do *Tractatus* a luz dos conceitos schopenhauerianos de modo a revelar coerência e razoável compreensão dos conceitos contidos no interior da obra sem ferir seus compromissos metodológicos e ontológicos.

Convém antes estabelecer o horizonte de abordagem do presente artigo a partir da diferenciação desses aspectos metodológicos e ontológicos do *Tractatus*, questão fundamental para a compreensão da rejeição por parte de Wittgenstein à introdução de B. Russell feita para o *Tractatus*, que ao considerá-lo “uma importante obra de lógica” confunde, segundo o próprio Wittgenstein, a real intenção e problemas abordados pela obra.

2. Os métodos e os problemas

O *Tractatus* toma para si, é verdade, os métodos de análise da linguagem de Frege e Russell como instrumental a ser utilizado no projeto do livro. Os limites do horizonte filosófico da obra e do próprio Wittgenstein pareceu, por vezes, ser composto da inspiração que Heinrich Hertz em seu *Principles of Mechanics* (1894) provoca em Wittgenstein, fazendo-o pensar a possibilidade de uma teoria da linguagem como figuração (*Bild*), a partir de um modelo matemático, e, determinando as possibilidades da representação, respondendo ao ceticismo da crítica da linguagem de Fritz Mauthner – presente em *Beiträge zu einer Kritik der Sprache*¹¹ (1910).

A influência de Frege e Russell é confessada explicitamente ainda no prefácio “desejo apenas mencionar que devo às grandiosas obras de Frege e aos trabalhos de meu amigo Sr. Bertrand Russell uma boa parte do estímulo estímulo às minhas ideias” (WITTGENSTEIN, 2020. p. 127). Quanto a Hertz, sua influência em Wittgenstein é estudada, por exemplo, por James Griffin¹² em *Wittgenstein's Logical Atomism* (1964), e referida pelo próprio autor do *Tractatus* nos aforismos 4.04 e

11 Contribuições para uma crítica da linguagem.

12 Cf. Giannotti em nota sobre o aforismo 4.04 do *Tractatus* (WITTGENSTEIN, 1968. p. 133).

6.361. Uma referência negativa é feita a Mauthner no aforismo 4.0031, articulando a perspectiva de Wittgenstein como resposta diametralmente oposta a este ao afirmar “Toda filosofia é “crítica da linguagem”. (Todavia, não no sentido de Mauthner)” (idem. p. 157). Assim, muito daquilo que se especulou sobre o sentido dessa obra permanece restrita ao contexto apresentado acima.

Em parte, pela assimilação e leitura que o “Círculo de Viena”¹³ faz do *Tractatus* logo após seu surgimento, bem como pela curta leitura que o filósofo austríaco possuía da história da filosofia propriamente dita, sua pouca familiaridade com seus autores, e premeditado desinteresse em referências e filiações à tradições anteriores, o projeto filosófico do *Tractatus* é por vezes circunscrito ao contexto acima citado¹⁴. Além do mais, nas raras vezes em que o filósofo cita algum autor ou faz referência a alguma ligação externa no texto, limita-se aos pensadores acima referidos. No mais, não há uma “preocupação acadêmica” em referir algum autor ou influência direta. Seria então esse o contexto completo da filosofia presente no *Tractatus*, ou seja, os métodos e os problemas filosóficos da obra encontrariam todos eles sua gênese ali? Certamente que não.

Contrário a esse posicionamento, outra parte da literatura filosófica tractatiana adota uma perspectiva mais abrangente dessa questão. Alan Janik, Stephen Toulmin¹⁵ e Severin Schroeder¹⁶, apenas para citar alguns exemplos, traçam o projeto filosófico do *Tractatus* remontando a problemas bem mais abrangentes que aqueles ambicionados pelo chamado atomismo lógico.

No livro *Wittgenstein’s Vienna* (1973), Allan Janik e Stephen Toulmin analisam a gênese do *Tractatus* observando os mais variados aspectos da vida e do ambiente artístico em que viveu Wittgenstein em Viena, de modo a considerá-

13 Sobre a importância do *Tractatus* no chamado “Círculo de Viena”, afirma Gomes, “o matemático Göttingen Kurt Redemeister pronunciou no Círculo uma conferência sobre o *Tractatus*, que seria lido e discutido nas reuniões dos dois anos seguintes, linha por linha. A leitura foi acompanhada de vivo debate, na qual se formaram dois subgrupos. De um lado, estavam os que apoiavam com vigor as teses do *Tractatus*, como Schlick e Waismann. De outro, estavam os críticos, como Neurath. [...] Mas é certo que as teses de Wittgenstein passaram a ser um ponto de referência central nos trabalhos do Círculo” (2001, p. 173).

14 Cf. Janik & Toulmin, “the commentaries of, for example, Max Black and Elizabeth Anscombe – that is based almost exclusively on Wittgenstein’s association with the logicians Gottlob Frege and Bertrand Russell” (1973, p. 12) “os comentários de Max Black e Elizabeth Anscombe, por exemplo são baseados quase exclusivamente na associação de Wittgenstein com os lógicos Gottlob Frege e Bertrand Russell.

15 Ver JANIK, Allan, & TOULMIN, Stephen, *Wittgenstein’s Vienna*. New York, Simon and Schuster, 1973.

16 Ver SCHROEDER, Severin. *Schopenhauer’s Influence on Wittgenstein*. In: A Companion to Schopenhauer. B. Vandenabeele (ed.) Oxford: Blackwell, 2012.

lo a partir de toda riqueza cultural e todos os problemas filosóficos e morais daquele momento e por ele absorvidos. Essa interpretação pode ser interessante na medida em que leva em conta aspectos além da dimensão lógica do estudo da linguagem. Ou seja, ao alargarem a perspectiva sobre as influências e problemas que acompanham Wittgenstein, intenta-se uma interpretação que compreende a adoção do modelo analítico na resolução de problemas próprios da filosofia continental, e não limitados a perspectiva anglo-saxã.

O caminho dessa interpretação dirige-se pela diferenciação de duas perspectivas, a saber, por um lado os métodos lógicos adotados no *Tractatus* e, por outro, os problemas filosóficos que o filósofo já trazia. Nesse sentido, é possível perceber-se muitos dos compromissos ontológicos presentes na obra, alguns deles remetendo as filosofias de pensadores como Kierkegaard, Schopenhauer e o literato russo Tolstoy. Além disso, existe uma ligação estreita de Wittgenstein com a arte, o que se pode atestar pela simpatia que nutria por nomes como Robert Musil (1880-1942), Karl Kraus (1874-1936), Arnold Schönberg (1874-1951), todas estas personalidades artísticas da Viena do final do século XIX e princípio do século XX, cidade onde cresceu Wittgenstein absorvendo toda atmosfera e problemas presentes ali. Conforme Janik & Toulmin, “the culture is, or appears at first sight to be, our own twentieth-century culture in its infancy; the “modernism” of the early 1900s, represented by such men as Sigmund Freud, Arnold Schönberg, Adolf Loos, Oskar Kokoschka and Ernst Mach¹⁷” (1973. p. 13). Ainda nessa perspectiva, é possível citar o livro *Wittgenstein’s Tractatus: History and Interpretation* (2013) organizado por Peter Sullivan and Michael Potter, onde encontram-se artigos sugestivos nessa linha argumentativa como, por exemplo, os “papers” *Why does Wittgenstein say that ethics and aesthetics are one and the same?* de H. Appelqvist e *Kierkegaard and the Tractatus* de G. Schönbaumsfeld, além, é claro, de artigos que transitam pelos métodos lógicos utilizados na obra. Ao tratarem do problema da interpretação do *Tractatus* a partir de referências tão distantes e opostas ao texto como estes, podem oferecer perspectivas mais ambiciosas para a compreensão desta obra seminal.

Uma vez estando clara a diferenciação entre métodos e problemas filosóficos, é possível clarificar a possibilidade do argumento apresentado neste artigo. Caminhando nesse sentido, cabe situar a obra no contexto de duas tradições fundamentais à filosofia contemporânea da linguagem e, mesmo, da filosofia contemporânea de um modo geral. Nesse sentido, assume-se aqui a perspectiva de Luiz Henrique Lopes dos Santos em sua apresentação da mais recente tradução,

17 “A cultura é, ou parece à primeira vista ser, nossa própria cultura do século XX em sua infância; o “modernismo” do início de 1900, representado por homens como Sigmund Freud, Arnold Schönberg, Adolf Loos, Oskar Kokoschka e Ernst Mach”.

por ele mesmo empreendida, do *Tractatus*¹⁸ filiando a obra às tradições crítica e lógica. De maneira didática e clara, Luiz Henrique Lopes dos Santos assim define a tradição crítica, a qual pode-se claramente filiar Hume e Kant:

O que chamamos de *tradição crítica* caracteriza-se por atacar o tema das relações entre linguagem, pensamento e realidade pelo prisma de uma questão determinada [...] A questão é: o que se pode legitimamente pretender conhecer? A espécie de resposta que se busca para essa questão é uma que se fundamente na consideração da natureza dos instrumentos de que dispõem, para conhecer o que quer que seja, os sujeitos de conhecimento (2001, p. 13-14) [grifo próprio].

Em contrapartida, a tradição lógica, cujos expoentes podem ser claramente exemplificados por Frege e Russell, é definida nestes termos:

A *tradição lógica* define-se por situar no núcleo da reflexão filosófica o tema da estrutura essencial do discurso sobre o ser [...] Entre as várias modalidades de discurso, há aquele que enuncia, correta ou incorretamente, o que as coisas são ou não são. É a esse discurso (que podemos chamar enunciativo ou proposicional) que convêm estritamente os predicados “verdadeiro” e “falso” (Idem. p. 15) [grifo próprio].

Observando-se o direcionamento que Wittgenstein dá a sua obra sugere ligação a essas tradições citadas. Ele estabelece seu texto como uma crítica a própria noção de filosofia e seu estatuto tradicional, procedendo uma análise da lógica da linguagem que responde as questões fundamentais da filosofia crítica e estabelece um estatuto transcendental e ontológico para a lógica enquanto disciplina filosófica.

O percurso dessa ligação pode ser esboçado da seguinte maneira: a tradição crítica embora fundamental e originariamente ligada a Hume e Kant, não se limita a estes e, no caso específico de Wittgenstein, soma-se o próprio Schopenhauer. A leitura deste apresenta Wittgenstein ao modelo representacional kantiano, embora articulado a uma concepção ética fora dos moldes do racionalismo, isto é, fora dos limites da linguagem e da justificação racional. Também importante é a influência da crítica da linguagem de Mauthner, um fator determinante na condução do filósofo vienense ao caminho da filosofia da linguagem. Acrescente-se ainda a influência já referida acima do pensamento de Hertz, este também um kantiano, e desta maneira, é possível pensar no trânsito do *Tractatus* de uma filosofia crítica para a tradição lógica. De posse dos métodos frege-russellianos, Wittgenstein responde a problemas maiores que os daqueles.

18 Conforme o próprio autor da tradução, apresentação e ensaio introdutório à nova edição do *Tractatus* em língua portuguesa, Luiz Henrique Lopes dos Santos, a nova versão de 1993 responde a necessidade de novo olhar sobre a versão do professor José Arthur Giannotti, e a pedido do próprio, sob a incumbência do último. Justificada no fato de que “muitos textos de Wittgenstein ainda estavam inéditos e não se havia produzido a enorme massa de literatura secundária a seu respeito hoje disponível”. Ver *Tractatus Logico-philosophicus*. 3. ed. Trad., apres. e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2001. p. 7.

Nesse sentido, a interpretação do *Tractatus* alcança maior envergadura sendo assim formulada por Janik & Toulmin: “What was the philosophical problem by which Wittgenstein was already preoccupied - the problem whose solution he saw as a key to all the outstanding difficulties in philosophy - before he even got in touch with Frege and Russell in the first place¹⁹?” (1973. p. 167).

A resposta para essa pergunta encontra-se resumida logo adiante a partir de duas conclusões básicas:

(1) that the need for a general philosophical “critique of language” (Sprachkritik) was already acknowledged in Vienna some fifteen years before Wittgenstein wrote the *Tractatus*; and (2) that the shortcomings of Mauthner’s first attempt at such a comprehensive Sprachkritik had left unresolved one quite specific difficulty, which might nevertheless be overcome, if some method could be found of reconciling the physics of Hertz and Boltzmann with the ethics of Kierkegaard and Tolstoy, within a single consistent exposition. The hypothesis to which our analysis has led is, quite simply, that *this was the problem with which Wittgenstein was originally preoccupied, and which determined the goal at which the writing of his Tractatus was directed* ²⁰(idem. p. 167-168).

Ora, a associação entre “a física de Hertz e Boltzmann com a ética de Kierkegaard e Tolstoy”, propõe uma crítica da linguagem que estabeleça os limites e as possibilidades de representação no interior dessa linguagem a partir de um modelo matemático, conjugada a uma concepção mística da ética. Essa explicação de Janik & Toulmin, considerada bastante pertinente aqui, fornece subsídio fundamental para o argumento proposto.

A *Raiz Quadrúplice* - texto de juventude ainda desarticulado da ética da vontade - é ainda estritamente kantiano e se ocupa de um problema onto-epistemológico. Busca responder através de uma teoria da representação que articula um conhecimento de mundo de forma direta através de uma intuição fundamental - princípio do Devir e princípio do Ser - que é expressa pela linguagem. Nesse

19 “Qual era o problema filosófico que já preocupava Wittgenstein - o problema cuja solução ele via como a chave para todas as dificuldades pendentes na filosofia - antes ainda de seu primeiro contato com Frege e Russell”.

20 “(1) que a necessidade de uma “crítica filosófica geral da linguagem” (Sprachkritik) era já reconhecida em Viena uns quinze anos antes de Wittgenstein escrever o *Tractatus*; e (2) que as deficiências da primeira tentativa de Mauthner de uma Sprachkritik tão abrangente deixaram sem solução uma dificuldade bastante específica, que poderia, no entanto, ser superada, se algum método pudesse ser encontrado para conciliar a física de Hertz e Boltzmann com a ética de Kierkegaard e Tolstoy, dentro de uma exposição consistente única. A hipótese a que levou nossa análise é, muito simplesmente, que este era o problema com o qual Wittgenstein estava originalmente preocupado, e que determinou o objetivo para o qual a escrita do seu *Tractatus* foi direcionada”.

sentido, a versão da filosofia transcendental “simplificada”²¹ de Schopenhauer, ou seja, com a supressão das diversas categorias do entendimento, situa o *princípio de razão suficiente* coerentemente a essa interpretação, pois endossa uma concepção de mundo que se pode “dizer” a partir da linguagem, resguardado pelo *nexo causal* que se revela internamente na própria expressão do princípio em suas quatro formas. Um princípio auto evidente, que se mostra na linguagem e fundamenta o isomorfismo necessariamente pressuposto para a teoria da representação.

A partir dessa seção pode-se concluir que a partir da distinção entre os métodos frege-russellianos da lógica e os problemas filosóficos assumidos pelo primeiro Wittgenstein, pode-se compreender que a exegese do *Tractatus* é feita a partir de duas perspectivas fundamentais: 1. uma leitura “positivista” de Wittgenstein ou de sua filosofia como uma filosofia (analítica) da linguagem; por outro, 2. há uma leitura que o enlaça com questões existenciais e da filosofia crítica. A primeira limita a leitura comparativa do *Tractatus* apenas aos pensadores expressamente indicados por Wittgenstein e a segunda tenta pensar o texto a partir de comparações possíveis com problemas da tradição.

3. Mauthner, Schopenhauer e Wittgenstein

Muito da literatura acerca da influência de Schopenhauer sobre o trabalho de Wittgenstein remonta a ética e ao solipsismo²². Anscombe (1959) relata a grande impressão que o filósofo da Vontade lhe causara na infância, “we should remember that Wittgenstein had been much impressed by Schopenhauer as a boy; many traces of this sympathy are to be found in the *Tractatus*²³ (p. 168)”. Schroeder (2012) afirma

21 “Schopenhauer himself - as we shall see shortly - was a Kantian revisionist, not merely an expositor of the master. He maintained that the complexities of the Analytic were unnecessary; that the Categories of the Understanding were superfluous, because all that Kant really needed to justify was Causality-that is, the necessary connection between phenomena - and that it was the very nature of reason to provide such a ‘causal nexus’” (p. 124) “Schopenhauer foi em si mesmo – como nós mostraremos brevemente – um revisionista kantiano, não meramente um expositor de seu mestre. Ele sustentou que as complexidades da Analítica eram desnecessárias; que as Categorias do Entendimento eram superfluas, porque tudo o que Kant realmente precisava para justificá-la era a Causalidade – que é a conexão necessária entre os fenômenos – e que seria a verdadeira natureza da razão fornecer tal ‘causal nexus’”.

22 É possível considerar os aspectos da influência de Schopenhauer sobre o jovem Wittgenstein nesses aspectos em SCHROEDER, Severin. *Schopenhauer’s Influence on Wittgenstein*. In: A Companion to Schopenhauer. B. Vandenabeele (ed.) Oxford: Blackwell, 2012.

23 “Devemos lembrar que Wittgenstein fora muito impressionado por Schopenhauer quando garoto; muitos traços dessa simpatia podem ser encontrados no *Tractatus*”.

As such he clearly influenced Wittgenstein's early thinking about ethics and the meaning of life. His 1916 notebook (NB 71-91) and the final pages of the *Tractatus* contain a number of echoes of Schopenhauer. Like him he describes aesthetic contemplation using Spinoza's expression '*sub specie aeterni[tatis]*'; he repeats Schopenhauer's criticism of the categorical imperative: that every imperative calls forth the question 'And what if I do not do it?' (TLP 6.422); he also agrees with Schopenhauer (and Kant) that the good action should not be motivated by its consequences (ibid.); like Schopenhauer he thinks that science cannot answer questions of value, like him he places 'the solution of the riddle of life' outside space and time (TLP 6.4312), and like him he thinks that 'what is higher' cannot ultimately be expressed in words (TLP 6.432, 6.522)²⁴ (p. 1).

Embora Schroeder reconheça e anuncie todas essas evidências acerca do impacto de Schopenhauer no pensamento wittgensteiniano, não reconhece grande importância de sua filosofia no projeto do *Tractatus* no que diz respeito aos aspectos lógicos e a linguagem. "Although extremely significant from a biographical point of view, are of little philosophical value and only tenuously related to his work on logic and language"²⁵ (idem). É precisamente esse o ponto sensível da presente investigação, uma vez que aqui está se esboçando os possíveis caminhos para aproximar a *filosofia* dos dois pensadores.

No sentido de delimitar a proposta da pesquisa direcionando-a ao *locus* de sua discussão, aqui não se fará grandes referências às influências já estabelecidas e, em certo sentido, unânimes no meio acadêmico. Apenas acidentalmente e no intuito de fundamentar a tese proposta é que se mencionará esses aspectos "éticos e solipsistas". Convém a partir desse momento apresentar de forma mais clara a linha argumentativa que busca justificar a pesquisa. Que aspectos, fatos ou evidências autorizariam a pressuposição de uma influência do *princípio de razão* em Schopenhauer na ontologia do *Tractatus*? Ou seja, como o conceito de representação estaria satisfatoriamente articulado com a descrição da *Raiz Quadrúplice* do princípio schopenhaueriano?

Em primeiro lugar, convém reforçar que de fato, o jovem Wittgenstein conheceu a obra de Schopenhauer, conforme, por exemplo, Schroeder (2012, p. 2)

24 "Como tal ele claramente influenciou o pensamento de Wittgenstein sobre a ética e o significado da vida. Seu *notebook* de 1916 (NB 71-91) e as páginas finais do *Tractatus* contém uma série de Ecos de Schopenhauer. Como ele, Wittgenstein descreve a contemplação estética usando a expressão de Spinoza "*sub specie aeterni[tatis]*"; ele repete a crítica de Schopenhauer ao imperativo categórico: que todo imperativo reclama a pergunta 'e se eu não fizer isso?' (TLP 6.422); ele também concorda com Schopenhauer (e Kant) que a boa ação não deve ser motivada por suas consequências (ibid.); como Schopenhauer ele pensa que a ciência não pode responder a questões sobre valor, como ele, coloca 'a solução do enigma da vida' fora do espaço e do tempo (TLP 6.4312), e, como ele, pensa que 'o que é superior' não pode em última instância ser expresso em palavras (TLP 6.432, 6.522)".

25 "Embora extremamente significate de um ponto de vista biográfico, são de pouco valor filosófico e somente tenuemente relacionado a seu trabalho em lógica e linguagem".

That Wittgenstein had been impressed by Schopenhauer rather early in his life is confirmed by a diary note of 1931 where he gives an apparently chronological list of thinkers that influenced him: ‘Boltzmann, Hertz, Schopenhauer, Frege, Russell, Kraus, Loos, Weininger, Spengler, Sraffa’ (CV 16). It is probable that he read Boltzmann, Hertz and Schopenhauer before his matriculation in 1906 (McGuinness 1988, 39), whereas he encountered Frege’s works only in 1911²⁶.

A passagem acima ao passo que autoriza a dizer que Wittgenstein conheceu ainda jovem o pensamento de Schopenhauer, embora não necessariamente de uma forma sistemática, levanta uma suposição que pode ser problemática e, novamente conflitante com o argumento da investigação aqui desenhada. Quando afirma “onde ele dá uma lista *aparentemente cronológica* de pensadores que o influenciaram...” (grifo próprio) Schroeder supõe a partir daí autoridade para situar a leitura de Boltzmann e Hertz como anteriores à Schopenhauer. Considera-se aqui tal pressuposição no mínimo arriscada, uma vez que não parece razoável que ainda na infância os textos de Boltzmann e a mecânica de Hertz estivessem diante da especulação do garoto Wittgenstein²⁷. Há uma orientação kantiana²⁸ no *Tractatus*, uma vez que este é um empreendimento acerca dos limites e das possibilidades da representação e, portanto, do conhecimento, bem como uma crítica da tradição que o precede quanto a própria tarefa e concepção da filosofia. A influência de pensadores “kantianos” como Boltzmann, Hertz e o próprio Schopenhauer, contribui muito para a concepção transcendental desenvolvida no texto. No entanto, uma questão que parece ser negligenciada é a influência de Schopenhauer nos aspectos epistemológicos da filosofia do primeiro Wittgenstein, como o faz, por exemplo Schroeder no texto acima citado.

O presente texto argumenta em favor dessa influência ao afirmar que a anterioridade do pensamento de Schopenhauer relativamente à Hertz, por exemplo, repercute no *Tractatus* de maneira muito mais incisiva do que se supõe à tradição de comentadores. A assunção explícita da ética de Schopenhauer (ao lado de nomes como Kierkegaard e Tolstoy, por exemplo) como fator determinante na biografia e concepções morais de Wittgenstein acaba por limitar a maior parte das exegeses a

26 “Que Wittgenstein tenha sido impressionado por Schopenhauer desde bem cedo em sua vida é confirmado por uma nota de diário de 1931, onde ele fornece uma lista aparentemente cronológica de pensadores que o influenciaram: ‘Boltzmann, Hertz, Schopenhauer, Frege, Russell, Kraus, Loos, Weininger, Spengler, Sraffa’ (CV 16). É provável que ele tenha lido Boltzmann, Hertz e Schopenhauer antes de sua matrícula em 1906 (McGuinness 1988, 39), ao passo que encontrou as obras de Frege apenas em 1911”.

27 Conforme Anscombe, Wittgenstein toma conhecimento de Schopenhauer ainda garoto. “We should remember that Wittgenstein had been much impressed by Schopenhauer as a boy; many traces of this sympathy are to be found in the *Tractatus* (1959. p. 168)”

28 Sobre a orientação kantiana do *Tractatus* ver: APPELQVIST, Hanne. On Wittgenstein’s Kantian solution of the problem of philosophy, In: *British Journal for the History of Philosophy*, vol. 24: 4, 2016 p.697-719.

respeito de seu pensamento, sobretudo por aqueles cuja formação lógico-matemática distanciam de uma perspectiva mais histórica e dos problemas assumidos por ela dentro do contexto da filosofia continental, restringindo o prisma de possibilidades aos aspectos “não ditos” do *Tractatus*. Curiosamente aqui se propõe de um modo semelhante que o horizonte de interpretações do conceito de representação do *Tractatus* seja ampliado precisamente a partir de aspectos subliminares da influência da filosofia de Schopenhauer, aspectos esses encontrados em sua interpretação da filosofia transcendental kantiana referida e integrada a seu sistema filosófico no MVR e melhor compreendida presente a partir da *Raiz Quadrúplice*.

Com vistas a melhor compreensão da teoria da figuração no *Tractatus*, o recurso ao *princípio de razão suficiente* conduz a uma análise da *Raiz Quadrúplice*, haja vista esta obra constituir um “recorte” da compreensão schopenhaueriana da filosofia kantiana isolado do sistema proposto no MVR, tornando-a fundamental, numa perspectiva metodológica, para a presente investigação. Uma vez que o que se busca demonstrar é a possibilidade de uma nova interpretação para o conceito de representação no *Tractatus*, bem como a atualização da filosofia de Schopenhauer mediante vocabulário da virada linguística, não se faz necessária a pressuposição de uma leitura mais sistemática ou mesmo superficial da *Raiz Quadrúplice*. Não se trata de uma influência direta em sentido explícito, mas de uma adequação dos dois quadros conceituais revelando maior dimensão, impacto e atualidade do *Tractatus*.

Conceito fundamental da versão schopenhaueriana da filosofia transcendental, o *princípio de razão suficiente* será fundamento do presente argumento. No entanto, antes de desenvolvê-lo convém aqui apresentar não somente as ligações entre os dois filósofos, mas também a ponte entre o *princípio de razão suficiente* e os compromissos ontológicos do *Tractatus*.

A forte influência de Schopenhauer²⁹ a toda a geração europeia, inclusive na Viena³⁰ de Wittgenstein, da segunda metade do século XIX e início do século XX, deixa marcas indelévels cujo alcance chega aos mais variados campos do conhecimento, como por exemplo, Fritz Mauthner (849-1923). Assim como Wittgenstein, Mauthner fora bastante influenciado pelo filósofo da Vontade e, levando em consideração que em certo sentido o *Tractatus* é responde diretamente

29 Cf. Weissmann, “Posteriormente, só mesmo Freud, no nosso século, conheceria idêntica popularidade. Como Freud, influenciou profunda e definitivamente na literatura e no teatro, chegando a ser citado nominalmente em novelas e peças teatrais. [...] Nada menos de algumas centenas de trabalhos se ocuparam detalhadamente de sua pessoa, outro tanto de sua obra e muitos de sua doença” (1980, p. 177).

30 Cf. Janik & Toulmin (1973).

as questões da crítica da linguagem³¹ de Mauthner poder-se-ia vislumbrar nessa relação um aspecto unificador para a questão ora proposta.

3.1. *Convergências e divergências da filosofia de Schopenhauer com o pensamento de Fritz Mauthner.*

As possíveis relações entre Mauthner e Schopenhauer possuem aproximações no que se refere a compreensão da tarefa da filosofia como crítica da representação e rupturas óbvias quanto aos métodos e pressupostos adotados para o empreendimento dessa crítica. Apesar do direcionamento filosófico de Mauthner distanciar-se de Schopenhauer, aquele alega muito da influência deste. Conforme Janik & Toulmin

Mauthner also claimed to take his point of departure in philosophy from Schopenhauer. It was Schopenhauer's formulation of the epistemological question, in his dissertation *On the Fourfold Root of the Principle of Sufficient Reason*, that made Mauthner aware of just what philosophy is all about. Indeed, he said, Schopenhauer's impact on him was so great that he had difficulty in extricating himself from Schopenhauer's system³² (1973, p. 123).

De um modo kantiano Schopenhauer busca resolver o problema da relação entre razão e natureza sustentando que esta é produto da razão, pois "the essential function of reason was to contribute the a priori elements-that is, the necessary connections between our representations of experience, which make a systematic (and consequently scientific) knowledge of nature possible"³³ (Idem, p. 124). As distinções feitas por Schopenhauer entre conhecimento intuitivo – que se dá pelo *princípio de razão* em sua raiz *principium rationis sufficientis fiendi*,

31 Janik & Toulmin (idem, p. 10) levantam a questão ainda que confessamente de maneira conjectural: "Although Wittgenstein explicitly contrasts his own philosophical approach to that of Mauthner at one central point in the Tractatus, we have no further evidence that the Tractatus itself was actually intended as a reply to Mauthner's earlier "critique of language"; so our view of the relations between Mauthner and Wittgenstein is, in this respect, frankly conjectural". "Embora Wittgenstein contraste explicitamente sua própria abordagem filosófica com a de Mauthner em um ponto central do Tractatus, não temos evidências de que o próprio Tractatus relamente pretendesse ser uma resposta à anterior 'crítica da linguagem' de Mauthner, então nossa visão das relações entre Mauthner e Wittgenstein é, a esse respeito, francamente conjectural".

32 "Mauthner também afirmou ter seu ponto de partida na filosofia de Schopenhauer. Foi a formulação de Schopenhauer da questão epistemológica, em sua dissertação *On the Fourfold Root of the Principle of Sufficient Reason* que despertou Mauthner para o que é a filosofia afinal. De fato, disse, o impacto de Schopenhauer sobre ele foi tão grande que teve dificuldade em se livrar do sistema de Schopenhauer".

33 "A função essencial da razão era contribuir com os elementos a priori que são as conexões necessárias entre nossas representações da experiência, as quais fazem um conhecimento sistemático (e consequentemente científico) da natureza possível".

fundamento da causalidade- e, a compreensão racional, sistemática e lógica da natureza – que se dá em sua raiz *principium rationis sufficientis cognoscendi*, fundamento do conhecer - funcionam como fundamento da isomorfia entre mundo e discurso sobre o mundo, ou seja, entre a realidade e a linguagem que a representa na proposição. No caso de Mauthner essa diferenciação o leva a pensar na relação entre linguagem e realidade como separadas por um abismo. Quando muito a linguagem poderia emular essa realidade de um modo “metafórico”.

Mauthner foi crítico pioneiro da linguagem na contemporaneidade e antecipou muitas concepções que se encontram no pensamento de Wittgenstein, sobretudo na segunda fase, mais precisamente, nas *Investigações Filosóficas*.³⁴ Sua teoria parte do pressuposto pragmático que encara a linguagem como “instrumento de sobrevivência” em termos evolucionistas. Ou seja, a função da linguagem estaria vinculada não a significados de correspondência atômica entre palavra e objeto, mas a seu uso, a “ação que ela sugere ou provoca” para garantia da sobrevivência. Quanto ao primeiro Wittgenstein, o projeto tractatiano desponta, conforme explicitamente numa das raras referências diretas a um autor presentes na obra, como um contraponto à Mauthner: “4.0031 Toda filosofia é ‘crítica da linguagem’. (Todavia, não no sentido de Mauthner)” (WITTGENSTEIN, 2000, p.179). Essa “atenção” dada por Wittgenstein a Mauthner deve-se ao fato de que este leva, em seu tempo, os problemas envolvendo linguagem e representação ao centro da discussão filosófica. Ele entendia a linguagem como uma investigação filosófica, a crítica da linguagem se confundiria com a própria atividade filosófica. Ele considerava a si herdeiro do empirismo britânico e adotando uma perspectiva antropológica (nominalismo) e historicista (empirismo) para a compreensão da linguagem e sua capacidade de representar a realidade, adota postura radical ao afirmar que “há uma lacuna entre linguagem e realidade”, lacuna esta intransponível, pois distorce a percepção e engendra premissas falsas e fictícias sobre a realidade. Mauthner propõe uma compreensão da linguagem como “metáfora”, que serviria para abordar e clarificar a deformação da realidade³⁵.

Para Mauthner, a linguagem possui duplo papel: ela é instrumento do criticismo, nos modelos humeano e kantiano, e objeto de estudo. Admitindo-

34 “Wittgenstein’s later writings are a philosophical critique of language, focusing many arguments and perspectives already anticipated by Mauthner in 1901. E.g. the idea that language rules are like game rules and the word “language” is also an abstract and general term” (BARROSO, 2015, p. 8) “Os escritos posteriores de Wittgenstein são uma crítica filosófica da linguagem, enfocando muitos argumentos e perspectivas já antecipados por Mauthner em 1901. Por exemplo, a ideia de que as regras da linguagem são como as regras do jogo e a palavra “linguagem” também é um termo abstrato e geral”.

35 Ver: BARROSO, Paulo. Mauthner versus Wittgenstein: language as metaphor. *E-Revista de Estudos Interculturais do CEI – ISCAP* N.º 3, maio de 2015.

se que toda a figuração do mundo se dá na linguagem, esta seria o objeto por excelência da filosofia enquanto crítica da linguagem. Nesse sentido, Mauthner produziu uma filosofia da linguagem que levou os princípios do empirismo ao que acreditou serem suas conclusões últimas³⁶.

Esse seria um problema enfrentado por Wittgenstein no *Tractatus*. O problema da representação³⁷ ocupa o centro da discussão filosófica continental de uma maneira que ultrapassa os limites da própria filosofia, envolvendo a arte de um modo geral e a ciência como se percebe em Hertz e Boltzmann. Mauthner, portanto estará sempre em relação com o pensamento wittgensteiniano em todo seu desenvolvimento³⁸. Acrescente-se ainda que após a *Crítica da Razão Pura*, os problemas da linguagem foram gradualmente conduzidos ao centro da investigação filosófica. Este seria precisamente o elo entre os projetos filosóficos de Mauthner, Schopenhauer e Wittgenstein, vinculados que estão a proposta kantiana de depuração da linguagem pela crítica da razão.

Para o propósito da presente investigação, compete observar as aproximações entre os dois filósofos da linguagem, tomando sempre Schopenhauer como referência. Mauthner coloca-se muito distante do pensamento de Schopenhauer no desenvolvimento de sua crítica da linguagem (*Sprachkritik*), mas parte de sua convicção sobre o que é a filosofia está baseada naquilo que Schopenhauer desenvolve na *Raiz Quadrúplice*, qual seja estabelecer a natureza e os limites da razão/linguagem a partir da diferenciação entre natureza e linguagem.

Mauthner obteve seu ponto de partida na filosofia em Schopenhauer a partir do texto da *Raiz Quadrúplice*. A formulação da questão epistemológica nesse texto despertou Mauthner para a tarefa da filosofia afinal. O problema da relação entre razão e natureza é articulado nesse texto, onde a natureza é um produto da razão. A função essencial da razão seria a de contribuir com elementos *a priori* que estabelecessem as conexões necessárias entre nossas representações, o que possibilitaria o conhecimento científico, sem necessidade da complexidade da analítica kantiana. Apenas o *nexo causal* seria suficiente para explicar as possibilidades de representação – sejam elas da natureza, da lógica/matemática, das ciências físicas ou comportamentais – para acompanhar as quatro raízes do *princípio de razão* em

36 Ver: JANIK, Allan, & TOULMIN, Stephen, *Wittgenstein's Vienna*. New York, Simon and Schuster, 1973. Cap. 5, p. 126.

37 Esse é um dos argumentos do Livro Wittgenstein's Vienna de Janik & Toulmin e que compõe bibliografia básica ao presente texto. Sobre esse aspecto Miguens afirma "De acordo com Janik & Toulmin, servindo-se nesse caso da expressão de Musil, o que se encontra ali são 'formalismos, por trás dos quais nada há senão conturbações nacionalistas, vácuo e caos', e, ao mesmo tempo, entre os artistas e os intelectuais, uma discussão geral acerca da natureza e do propósito da representação (Bild ou Darstellung)" (2007, p. 131).

38 Cf. BARROSO, Paulo. 2015.

Schopenhauer. O revisionismo schopenhaueriano de Kant, ao identificar razão e linguagem foi determinante para Mauthner, já interessado na linguagem³⁹.

Compreende-se que Mauthner e Schopenhauer aproximam-se enquanto assumem o criticismo kantiano para si, e, distanciam-se quanto a negação da filosofia transcendental e uma postura pragmática para a crítica da linguagem. Desenvolvida sob a influência da leitura da *Raiz Quadrúplice*, Mauthner assim define filosofia

Philosophy is theory of knowledge. Theory of knowledge is critique of language [Sprachkritik]. Critique of language, however, is labor on behalf of the liberating thought, that men can never succeed in getting beyond a metaphorical description [bildliche Darstellung] of the world utilizing either everyday language or philosophical language⁴⁰ (MAUTHNER, 1910, p. xi Apud Janik & Toulmin, 1973, p. 122).

Percebe-se que os três filósofos estão ligados enquanto críticos da representação. Existe uma discussão tipicamente moderna, mais precisamente kantiana, cujo empreendimento é estabelecer a natureza da representação a partir do exame crítico da origem, dos limites e do fundamento do conhecimento sobre o mundo. Isso os torna kantianos, de fato. Esse aspecto kantiano será a partir daqui um pano de fundo indispensável. De modo subliminar algumas implicações decorrem daqui: a discussão ontológica acerca da linguagem presente em Mauthner e em Wittgenstein envolvendo a possibilidade de representação do mundo partilham um mesmo quadro conceitual e constituem até certo ponto uma assimilação desse quadro conceitual ao vocabulário filosófico pós-*virada linguística*.

3.2. Convergências e divergências da filosofia de Schopenhauer com o projeto filosófico do *Tractatus*.

Claro está para a comunidade acadêmica que o corpo *completo* da filosofia de Schopenhauer está distante do interesse filosófico de Wittgenstein. Ou seja, embora o filósofo alemão deixe profundas impressões quanto ao “sentido” do mundo, sobretudo quando os dois concordam que o fundamento da ética não pode estar no discurso racional, permanecendo fora do alcance da linguagem, assim como o faz Kierkegaard, por exemplo, Wittgenstein não está comprometido com a metafísica da Vontade. O sistema filosófico do Schopenhauer maduro não impressiona o autor

39 Ver JANIK & TOULMIN, 1973, p. 124.

40 “A filosofia é a teoria do conhecimento. A teoria do conhecimento é crítica da linguagem [Sprachkritik]. A crítica da linguagem, no entanto, é um trabalho em nome do pensamento libertador, de que os homens nunca conseguem ir além de uma descrição metafórica [bildliche Darstellung] do mundo utilizando a linguagem cotidiana ou a linguagem filosófica”.

do *Tractatus*. Estaria comprometido com o “mundo como ideia”, mas não como “Vontade” (Anscombe, 1959, p. 11-12). De maneira que apontar a influência de Schopenhauer sobre o *Tractatus* implica também limitar o alcance e os aspectos particulares dessa influência.

Conforme já anunciado, a pesquisa focará numa possível leitura do *Tractatus* à luz do *princípio de razão suficiente* de Schopenhauer. Uma aproximação à primeira vista perigosa e bastante problemática se o que se busca é uma argumentação histórico-biográfica de que Wittgenstein teria lido atentamente a *Raiz Quadrúplice* e do mesmo modo anunciaria em momentos distintos o peso dessa influência sobre sua teoria da linguagem como *Bild*. De fato, não há um caminho explícito nessa direção. No entanto, é possível, conforme se pretende demonstrar, uma leitura da obra a luz desse conceito schopenhaueriano, sob o ponto de vista da congruência entre os quadros conceituais de Schopenhauer e Wittgenstein – o primeiro ligado ao paradigma da representação moderno e o segundo vinculado ao paradigma da filosofia analítica. Essa empresa não acarretaria uma desvirtuação do objeto e natureza próprios do *Tractatus*, ao contrário forneceria uma perspectiva inovadora acerca da exegese de aspectos fundamentais da discussão acadêmica, auxiliando na resposta de questões fundamentais, embora não se pretenda fornecer resposta definitiva a elas: Em que sentido o *Tractatus* é uma obra kantiana? Em qual quadro conceitual repousa a ontologia do *Tractatus*? Seria o *Tractatus* um texto de lógica comprometido apenas com os problemas do empirismo lógico? Seria o pensamento de Heinrich Hertz o fundamento kantiano por trás do *Tractatus*? Que fundamento transcendental sustenta a isomorfia entre mundo e linguagem? Estas seriam algumas perguntas que poderiam ser exploradas a partir da leitura ora proposta pela pesquisa.

Claro está que não se pode simplesmente “forçar” uma leitura ou interpretação a partir de “meras coincidências” conceituais. Alguns critérios podem ser considerados fundamentais para, senão comprovar, ao menos autorizar e justificar a busca por essa filiação. Convém ainda, delimitar alcance da discussão frente as muitas possibilidades de diálogo entre os dois filósofos e consequente do diálogo com outros comentadores cuja proposta possa ir de encontro ou não com a presente pesquisa. Dois pontos orientam tal delimitação: I. a relação entre a filosofia de Schopenhauer e o Wittgenstein do *Tractatus* se dará aqui fora do enfoque “ético” e “místico”; II. O *princípio de razão suficiente* como conceito chave da leitura de Schopenhauer da filosofia transcendental kantiana direciona a pesquisa a aspectos epistemológicos e ontológicos do *Tractatus* no que diz respeito ao conceito de representação. Esclarecidos estes pontos, percebe-se de fato o problema e alcance do empreendimento anunciado.

Quais seriam, portanto, os critérios básicos para autorizar a leitura do *Tractatus* sob os óculos do *princípio de razão*? I. Schopenhauer era conhecido por Wittgenstein desde a infância, guardando grande impressão sobre este sobretudo no que se refere aos aspectos éticos e valorativos, conforme já referenciado acima; II. A leitura do *MVR*, sobretudo do primeiro livro da obra por vezes referencia o leitor ao texto da *Raiz Quadrúplice* e ao conceito de *princípio de razão suficiente*, sempre pressupondo que este conceito é a base para a compreensão da filosofia transcendental tal como Schopenhauer a formula; III. A relação de contraposição entre a crítica da linguagem de Mauthner e a proposta do *Tractatus* familiarizaria Wittgenstein tanto ao quadro conceitual moderno (kantiano) quanto ao quadro conceitual da virada linguística, abrindo assim a possibilidade de comparação e interpretação da ontologia tractatiana a partir de Schopenhauer; e IV. A leitura kantiana do *Tractatus*⁴¹ feita por parte dos comentadores⁴², poderia remeter facilmente a Schopenhauer, uma vez que o filósofo, conforme ele mesmo pretende, procede uma continuidade crítica da filosofia transcendental kantiana, continuidade esta mais alinhada a compreensão wittgensteiniana acerca do mundo e da ética. Admitindo-se com Anscombe que “specifically, his ‘solipsism’, his conception of ‘the limit’ and his ideas on value will be better understood in the light of Schopenhauer than of any other philosopher”⁴³ (1959. p. 12), claro está que a leitura schopenhaueriana de Kant chega até o *Tractatus* de um modo muito particular. Eis o que constitui o fio condutor dos diálogos com a literatura relativa a esse problema.

O recurso à Mauthner constitui ferramenta metodológica para a inserção do problema. Mauthner compreende o empreendimento da *Raiz Quadrúplice* como um revisionismo da filosofia transcendental kantiana.

Mauthner was deeply impressed by the elegance and clarity with which Schopenhauer executed his revision of Kant’s first critique. Schopenhauer’s identification of reason and language (and his citing of a similar equation between ratio and oratio in Cicero’s *De officiis*) made this achievement seem all the more startling, especially to one already interested in the philosophical problem of language⁴⁴ (Janik & Toulmin, 1973, p.124).

41 Refere-se aqui ao paper *On Wittgenstein’s Kantian solution of the problem of philosophy*, In: *British Journal for the History of Philosophy*, vol. 24: 4, 2016 p.697-719 de Hanne Appelqvist que argumenta em favor da orientação kantiana do *Tractatus*. Embora a presente pesquisa não procure refutar de todo o artigo, alguns contrapontos serão apresentados no que se refere a fundamentação kantiana para o “isomorfismo”, por exemplo

42 “Erik Stenius and Morris Engel have pointed to Kantian elements both in the *Tractatus*, and in Wittgenstein’s later philosophy” (Janik & Toulmin, 1973, p. 26) “Erik Stenius e Morris Engel apontaram para elementos kantianos em ambos no *Tractatus* e na filosofia posterior de Wittgenstein”.

43 “especificamente, seu ‘solipsismo’, sua concepção de ‘limite’ a suas ideias sobre valor serão melhor compreendidas a luz de Schopenhauer do que de qualquer outro filósofo”.

44 “Mauthner foi profundamente impressionado pela elegância e clareza com que Schopenhauer executou sua revisão da primeira crítica de Kant. A identificação feita por Schopenhauer entre razão

Desperto para o problema da linguagem pelo revisionismo schopenhaueriano do criticismo kantiano, Mauthner considerava a si mesmo um kantiano no que diz respeito ao estabelecimento dos limites para o alcance do conhecimento pela razão, razão esta ideificada com a linguagem por Schopenhauer na *Raiz Quadrúplice*, conforme acima citado.

Esse seria o contexto que permitiria uma aproximação do conceito de *princípio de razão suficiente* na interpretação dos aspectos “kantianos” do *Tractatus*, isto é, demonstrar-se-á de que maneira o princípio de razão estaria na base dos aspectos kantianos do *Tractatus*.

De um modo resumido é possível afirmar com Janik & Toulmin para a *Raiz Quadrúplice*

The purpose of *The Fourfold Root* was, then, to explain how the four classes of judgments which comprise all our knowledge—whether of nature, logic and mathematics, physical science, or the behavioral sciences—are based upon one and the same causal nexus as it applies to different classes of phenomena; and, further, how these four classes of judgments are distinct and must remain so⁴⁵ (idem).

Ao encaminhar a exegese do *Tractatus* a partir do princípio de razão suficiente, muitas das teses kantianas do texto podem ser reavaliadas à luz de Schopenhauer. Poderá se perceber a filosofia transcendental kantiana sob os “óculos” do *princípio de razão*. Hanne Appelqvist em seu paper *On Wittgenstein’s Kantian solution of the problem of philosophy* (2016) propõe algumas discussões acerca dessas questões, recorrendo a falas do próprio Wittgenstein quanto a sua “solução kantiana para o problema da filosofia”. Aqui se faz oposição ao texto de Hanne Appelqvist não no sentido de negá-lo por completo, mas no sentido de oferecer nova perspectiva para os mesmos. Muito daquilo que no *Tractatus* é diretamente remetido à filosofia crítica kantiana, na verdade encontra mais harmonia a partir do quadro conceitual da filosofia de Schopenhauer. A filosofia proposta no *Tractatus* pode sim ser considerada um empreendimento de natureza kantiana, mais pelo fato de que a ontologia schopenhaueriana seja derivada de uma crítica a filosofia transcendental kantiana do que por alguma filiação direta e imediata ao kantismo.

e linguagem (e sua citação de uma equação similar entre ratio e oratio no *De officiis* de Cícero) fez essa conquista parecer ainda mais surpreendente, especialmente para alguém já interessado no problema filosófico da linguagem”.

45 “O objetivo da Raiz Quadrúplice foi, então, explicar como as quatro classes de julgamentos que compreendem todo o nosso conhecimento – quer seja da natureza, lógica e matemática, ciência física ou ciências do comportamento – são baseadas sobre um mesmo nexocausal que se aplica a diferentes classes de fenômenos; e, ainda, como essas quatro classes de juízos são distintos e devem permanecer assim”.

4. O princípio de razão suficiente em Schopenhauer.

Conceito leibniziano⁴⁶ ressignificado por Schopenhauer na *Raiz Quadrúplice*, o *princípio de razão suficiente* ganha uma completa releitura e ampliação quando inserido por Schopenhauer no âmbito da filosofia transcendental kantiana e completamente desvinculado do chamado “argumento ontológico”. Para o propósito deste artigo, convém apresentá-lo sucintamente e direcionando-o para a tese a ser investigada. Dessa maneira, o conceito pode ser resumido do seguinte modo

É o princípio que une e formata todos os objetos, numa conexão “natural, regular e determinada a priori” (*Tese* p. 45). Sendo em si a priori e indubitável, ou seja, a ele não cabe explicação ou comprovação, pois empreender uma busca pela legitimidade desse princípio nada mais é do que afirmá-lo, haja vista que comprovar algo consiste em demonstrar sua razão ou fundamento que adquire então predicado de verdade. Uma vez que esse princípio é a própria expressão da necessidade de fundamento, satisfazê-la é pressupô-lo. Igualmente, o princípio de razão é único e subdividem-se em quatro raízes, correspondentes as quatro classes da representação (ROCHA FRAGOSO, 2016, p. 200).

Conforme resumidamente apresentado por Rocha fragoso, o conceito em Schopenhauer se revela auto evidente, incapaz de se “dizer” na linguagem, apenas se “mostrando” de dentro (from within), o *princípio de razão suficiente* em Schopenhauer quando apresentado em suas raízes torna-se claro e evidente a todo e qualquer um. As quatro raízes do princípio constituem o *princípio de razão do dever* (*principium rationis sufficientis fiendi*), o *princípio de razão do conhecer* (*principium rationis sufficientis cognoscendi*), o *princípio de razão do ser* (*principium rationis sufficientis essendi*) e o *princípio de razão do agir* (*principium rationis sufficientis agendi*) fornecem esclarecimento desfazendo confusões quanto uso de conceitos a extensões inapropriadas, como por exemplo, atribuir as ações humanas razões do princípio de conhecer ao invés de seu domínio próprio do princípio de razão do agir – o que teria acarretado, segundo a ótica de Schopenhauer, toda uma tradição que associa o discurso sobre o fundamento da moralidade em princípios racionalmente estabelecidos. Esclarecer cada raiz em sua dimensão própria esclarece, para continuar com o exemplo da moralidade, o verdadeiro fundamento da moralidade que estaria fora do domínio da linguagem. Aliás esse um ponto de convergência entre Schopenhauer e Wittgenstein.

46 Para uma caracterização do princípio de razão suficiente leibniziano relacionado ao argumento ontológico ver uma abordagem da crítica kantiana à Leibniz em *Leibniz e Kant: princípio de razão suficiente e o “incondicionado”* (2019) de Derócio Felipe Perondi Meotti.

O princípio do *Devir* remeteria as representações intuitivas, empiricamente dadas sem conteúdo formal, portanto anterior à linguagem, mas como condição material dos fenômenos. A *causalidade* é a forma dessas representações que constituem uma síntese da filosofia transcendental kantiana e, como se pretenderá evidenciar, estará coerentemente articulada no *Tractatus*.

O princípio do *Conhecer*, esse confundindo-se com a linguagem, segundo a perspectiva mauthneriana, rege as *representações* abstratas e constitui a mediação da razão sobre os dados fornecidos pelo entendimento articulando-os como conceitos em juízos, as proposições da linguagem, que constituem e expressam o conhecimento.

O princípio do *Ser* articula os aspectos formais da representação, fundados no espaço e tempo, tomados como conceitos *formais* encerrando em si ao lado do princípio do *Devir*, enquanto causalidade, a versão schopenhaueriana da filosofia transcendental kantiana. Estariam no fundamento da aritmética e da geometria e, para aproximar o conceito da ontologia tractatiana, se pode dizer que fundam a compreensão da lógica enquanto transcendental e anterior ao mundo.

O princípio do *Agir* tem como objeto a *motivação*, o sujeito de volição que enquanto ser empírico distinto do sujeito transcendental - pressuposto imprescindível da representação - obedece a leis determinadas numa concepção quase “instintiva” da ação que antecipa conceitos da psicanálise ainda por vir. Esse princípio será argumento para a crítica de Schopenhauer à moralidade kantiana que permanece na confusão de fundamentar a ação com base numa vontade racionalmente estabelecida, ou seja, a partir do princípio do conhecer.

De um modo superficial essa é a caracterização que convém neste momento da pesquisa para dar prosseguimento ao argumento perseguido. De posse dessa introdução desse conceito e autorizados pelo contexto da relação convergente e divergente entre Mauthner, Schopenhauer e Wittgenstein passe-se para a exemplificação de como se pretenderá realizar a exegese do *Tractatus*.

Os três filósofos ligados pela “continuidade” da problemática da filosofia crítica kantiana, embora distantes quanto aos caminhos tomados para tanto, encontram-se numa tarefa de fundamentar os limites e as possibilidades da linguagem de representar a realidade intuitivamente dada ao sujeito do conhecimento a partir do mediador imprescindível: a linguagem. Tendo sido o recurso a Mauthner fundamentalmente metodológico nessa apresentação, convém aqui apenas anunciar que seu caminho para pensar a representação toma outro direcionamento que o endossado no *Tractatus*, muito mais próximo do assim chamado segundo Wittgenstein, onde se encontrará uma abordagem antropológica e pragmática da

linguagem, reforçando o muito da presença de Mauthner em todo percurso da trajetória de Wittgenstein e autoriza ainda mais a suposição da familiaridade de um quanto a abordagem do outro no que diz respeito aos assuntos aqui tratados.

5. Notas sobre o *Tractatus* à luz do *Princípio de Razão Suficiente*.

Com o objetivo de demonstrar de que maneira é possível a aproximação da ontologia schopenhaueriana com o projeto filosófico do *Tractatus*, serão feitas finalmente uma análise rápida das duas primeiras proposições fundamentais do texto, haja vista os limites da exposição tornarem-se demasiados.

1. Die Welt ist alles, was der Fall ist⁴⁷.

Para o primeiro Wittgenstein, o que ocorre são fatos, não coisas. Ou seja, o mundo se mostra para o sujeito não como uma série de “coisas” justapostas no espaço e no tempo, mas antes como fatos, definição que implica um caráter relacional entre os objetos do mundo. Assim o mundo constitui *todos* os fatos (1.11 *Die Welt ist durch die Tatsachen bestimmt und dadurch, dass es alle Tatsachen sind*⁴⁸.), circunscrito a um espaço lógico (1.13 *Die Tatsachen im logischen Raum sind die Welt*⁴⁹.) que limita e constitui o próprio mundo.

Entender o mundo enquanto fatos e não enquanto coisas isoladas dadas à percepção, não implica apenas no reconhecimento do caráter contextual da significação (a ideia de que palavras ganham seus significados apenas dentro do contexto de uma proposição), mas numa compreensão de que a linguagem figura esse mundo, ou seja, o representa linguisticamente de modo correspondente a maneira que este se mostra ao sujeito do conhecimento. Há um pressuposto ontológico implícito aqui. Pressuposto este perfeitamente explicado ao se recorrer ao conceito de causalidade em Schopenhauer engendrado pelo princípio do *Devir*.

Ocorre, então, porém, que nossas representações se encontram numa ligação regular e a priori determinável segundo sua forma, graças a qual nada é por si subsistente e independente, também nada de singular e destacado pode se tornar objeto para nós. O princípio de razão suficiente em sua universalidade expressa essa ligação (SCHOPENHAUER, 2019, p. 81).

47 “O mundo é tudo que é o caso”.

48 “O mundo é determinado pelos fatos e, portanto, são todos os fatos”.

49 “Os fatos no espaço lógico são o mundo”.

Como princípio do Devir a razão suficiente schopenhaueriana se configura como representações *intuitivas, completas e empíricas*. É como o mundo se mostra para o sujeito. Determinado como *causalidade* onde “todos os objetos que se apresentam na representação global que constitui o complexo da realidade empírica encontram-se ligados entre si com respeito ao surgimento e ao desaparecimento de seus estados” (idem, p. 97). A ontologia pressuposta aqui estaria implícita na definição de “fatos” e “estado de coisas”? Essa compreensão Schopenhaueriana da filosofia transcendental forneceria terreno fértil a intuição wittgensteiniana de uma teoria da linguagem como *Bild* onde essa linguagem espelha o mundo graças a sua condição isomórfica pressuposta pela raiz comum do princípio de razão suficiente entre realidade e linguagem.

O solipsismo típico da filosofia de Schopenhauer postula princípios transcendentais que justificam não só a isomorfia entre o mundo dado intuitivamente como *princípio de causalidade* e a linguagem que o descreve como *princípio de conhecimento*. Mais ainda, esse princípio transcendental é auto evidente⁵⁰ e constitui os limites da própria possibilidade de representação. Assim, a partir dessa perspectiva podem-se ser aproximados os comprometimentos filosóficos da *Raiz Quádrupla* ao *Tractatus*.

Ao afirmar a forma da proposição a partir de sua lógica no interior da linguagem, Wittgenstein postula as possibilidades de figuração do mundo, cujo pressuposto fundamental de sua teoria da representação é a isomorfia entre linguagem e mundo. Assim, a linguagem formal deve corresponder ontologicamente a forma do mundo. Conforme Giannotti, em sua introdução à edição portuguesa do *Tractatus* (1968),

O sentido *p* implica uma referência a *p*, o fato positivo se insere no contexto de fatos negativos. Daí o relacionamento da língua com a realidade depender de uma certa “isomorfia” oculta, cada proposição desempenhando o papel de uma régua que se apõe aos fatos separando-os, graças a esse gesto, em dois campos, o daqueles que se colocam no mesmo sentido do que ela, o daqueles que se colocam em sentido contrário (p. 40).

A utilização de uma linguagem formal para a teoria da representação no *Tractatus* remete imediatamente aos trabalhos de Frege e Russell, mas não exclui a herança do paradigma representacional moderno de um tipo kantiano, por exemplo, aqui sustentado pela ótica schopenhaueriana. Além do mais, o pano de fundo

50 “Procurar uma prova para o princípio de razão em particular é, além disso, uma extravagância especial que testemunha uma falta de reflexão. Pois toda prova é a exposição da razão para um juízo enunciado, que, precisamente por meio dela, recebe o predicado verdadeiro” (SCHOPENHAUER, 2019. p. 73-74).

desenhado nas seções anteriores do artigo demonstra a partir da problemática com Mauthner que os problemas filosóficos de Wittgenstein, anteriores à Frege e Russell, estão permeados por uma ontologia schopenhaueriana

Veja-se a segunda proposição fundamental do *Tractatus*:

2 Was der Fall ist, die Tatsache, ist Bestehen von Sachverhalten⁵¹.

O que Wittgenstein chama “estado de coisas” reclama uma ontologia que transcende a compreensão meramente formal da lógica. Em 2.01 *O estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas)*; 2.011 *E essencial para a coisa poder ser parte constituinte de um estado de coisas*; 2.151 *A forma de afiguração é a possibilidade de que as coisas estejam umas em relação às outras como os elementos da figuração*; aqui percebe-se uma “fascinante coincidência” entre os compromissos ontológicos do *Tractatus* e os da *Raiz Quadrúplice*, conforme se pode confirmar nas seguintes passagens e a título de ilustração, abordagens similares às de Schopenhauer em passagens como no aforismo

“2.0121 [...] (Algo lógico não pode ser meramente-possível. A lógica trata de cada possibilidade e todas as possibilidades são fatos que lhe pertencem.)

Assim como não podemos de modo algum pensar objetos espaciais fora do espaço, objetos temporais fora do tempo, assim não podemos pensar *nenhum* objeto fora da possibilidade de sua ligação com outros.

Se posso pensar o objeto na relação de estado de coisas, não posso então pensá-lo fora da *possibilidade* dessa relação. [...]”

Está clara a proximidade das palavras de Wittgenstein com a compreensão de Schopenhauer. Aquilo que Wittgenstein compreende como ‘estado de coisas’ compondo o mundo, admite implicitamente o que Schopenhauer entende como “nexo causal” engendrado pelo *princípio de razão*. Observe:

Expliquei detalhadamente na minha dissertação sobre o princípio de razão [...] que um objeto qualquer está necessariamente ligado a outros sendo determinado por eles e determinando-os por sua vez. [...] Toda realidade dos objetos enquanto objetos ou simples representações consiste unicamente nesta relação de determinação, necessária e recíproca (SCHOPENHAUER. 2001, p. 12).

O que aparece como *princípio de razão*, *causalidade* e *lógica*, bem como seus papéis no sistema filosófico de Schopenhauer, em Wittgenstein, figura como a estrutura interna da linguagem, em seus limites e possibilidades de representação, ou seja, daquilo que se pode dizer.

51 “O que é o caso, os fatos, é a existência do estado de coisas”.

De maneira que “toda realidade da matéria reside, com efeito, na sua atividade, e nenhuma outra lhe poderia ser atribuída, nem mesmo em pensamento” (idem. p. 13). *Atividade e estado de coisas* compreendem o mesmo papel na ontologia dos dois filósofos. Enquanto em Schopenhauer “toda a realidade dos objetos enquanto objetos ou simples representações consiste unicamente nesta relação de determinação necessária e recíproca”, em Wittgenstein corresponde diretamente a compreensão de “estado de coisas”. A definição acima compromete a possibilidade de representação a uma ontologia que define como atributo da coisa “está necessariamente ligado a outros, sendo determinado por eles e determinando-os por sua vez”. (idem. p. 12). A noção de Causalidade é assim compreendida na *Raiz Quadrúplice*: “Antes de mais nada, se reconheça com clareza que essa lei se refere única e exclusivamente a modificações de estados materiais e nada mais além disso” (SCHOPENHAUER, 2019, p. 101).

Nesse sentido, o mundo em sua totalidade é diretamente dado ao sujeito do conhecimento, submetido a um princípio transcendental auto evidente, fato que está no horizonte de interpretação de como Wittgenstein entende a possibilidade de um mundo que se mostra (*erscheinen*) e que pode ser representado/pensado (*Bildliche*) pela linguagem. A teoria da linguagem como *Bild*, ou seja, como “imagem” espelhada do mundo, consiste não apenas de uma linguagem formal para o mundo, mas também do comprometimento com a possibilidade desse mundo ser o caso.

Considerações acerca das demais proposições fundamentais do *Tractatus* poderiam ter sido feitas ainda aqui, no entanto, isso acarretaria ultrapassar o escopo do texto cujo objetivo fundamental de demonstrar a possibilidade de leitura do *Tractatus* à luz da versão schopenhaueriana da filosofia transcendental kantiana, a partir do desenvolvimento do conceito de *princípio de razão*, espera-se ter alcançado.

A ideia é contribuir positivamente para a discussão filosófica pertinente ao tema de maneira a trazer novas perspectivas de exegese do *Tractatus*. Ao menos uma que o compreenda tanto como o livro de lógica que de fato é, mas que se ocupa de problemas muito maiores e mais fundamentais que uma discussão meramente lógico-semântica.

Referências bibliográficas

ANSCOMBE, G.E.M.. *An Introduction to Wittgenstein's Tractatus*. London, Hutchinson, 1959.

APPELQVIST, Hanne. Why does Wittgenstein say that ethics and aesthetics are one and the same? In: *Wittgenstein's Tractatus: History and Interpretation*. EDITED BY Peter Sullivan and Michael Potter, Oxford University Press, 2013.

_____, On Wittgenstein's Kantian solution of the problem of philosophy, In: *British Journal for the History of Philosophy*, vol. 24: 4, 2016 p.697-719,

BARROSO, Paulo. Mauthner versus Wittgenstein: language as metaphor. E-*Revista de Estudos Interculturais do CEI – ISCAP* N.º 3, maio de 2015.

BLACK, Max. *A Companion Wittgenstein's Tractatus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

CACCIOLA, Maria Lúcia M. O., *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Edusp, 1994.

DOS SANTOS, Luiz Henrique Lopes. A essência da proposição e a essência do mundo. In: *Tractatus Logico-philosophicus*. 3. ed. Trad., apres. e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2001.

DRURY, M. O'C., 'Some Notes on Conversations with Wittgenstein. Conversations with Wittgenstein', in: R. Rhees (ed.), *Recollections of Wittgenstein*, Oxford: OUP, 1981. p. 76-171.

ENGEL, S. Morris. Schopenhauer's impact on Wittgenstein. *Journal of the history of philosophy*. Inglaterra, v. 7, p. 285 - 302, jul. 1969;

ENGELMANN, Paul. *Letters from Ludwig Wittgenstein: with a memoir*. New York: Horizon, 1967

FAUSTINO, Sílvia. *A experiência indizível: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

GABRIEL, G., 'Solipsismus', in: J. Ritter, K. Gründer, G. Gabriel (eds), *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, Bd. 9, Basel: Schwabe, 1995.

GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Trad. de Helena Martins; e rev. técnica de Luiz Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Dicionário de Filosofia).

_____, Schopenhauer and Wittgenstein: Representation as Language and Will, in: C. Janaway (ed.), *The Cambridge Companion to Schopenhauer*, Cambridge: CUP, 1999. p. 422-58.

GOMES, Nelson Gonçalves. Os progressos da filosofia no século xx. In: SOUZA, Draiton Gonzaga de; OLIVEIRA, Nythamar de; TAUCHEN, Jair. (Orgs). *Ética, Libertação e Direitos humanos: Festschrift for Manfredo Araújo de Oliveira*. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2021.

GRIFFIN, James, *Wittgenstein's Logical Atomism*, Clarendon Press, Oxford University, 1964.

HERTZ, H., *The Principles of Mechanics*. New York: Dover, 1956.

JANIK, Allan. *The opaque self or how Arthur Schopenhauer influenced Ludwig Wittgenstein*. Porto, série II, n. 1, p. 53 - 70, dez. 2005.

JANIK, Allan, & TOULMIN, Stephen, *Wittgenstein's Vienna*. New York, Simon and Schuster, 1973.

MAUTHNER, Fritz. *Beiträge zu einer Kritik der Sprache*. Librorium Editions, 2019.

MAUTHNER, Fritz. *Contribuciones a una crítica del lenguaje*. Barcelona: Herder, 2001.

MCGUINNESS, B., *Wittgenstein, A Life: Vol.1 Young Ludwig 1889-1921*, London: Duckworth. 1988.

MEOTTI, Derócio Felipe Perondi, Leibniz e Kant: princípio de razão suficiente e o "incondicionado". *Dois pontos*, Curitiba, São Carlos, volume 16, número 3, p. 1-15, novembro de 2019.

MIGUENS, Sofia. *Filosofia da linguagem – uma introdução*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2007.

MONK, Ray. *How to read Wittgenstein*. New York: W. W. Norton & Company, 2005. (How to read).

_____, *Wittgenstein: o dever de um gênio*. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. *Iniciação ao silêncio: análise do Tractatus Wittgenstein*. São Paulo: Loyola. (Coleção Filosofia), 1998.

ROCHA FRAGOSO, Flora Bezerra da, O princípio de razão suficiente e suas raízes. In: *Kalagatos – Revista de Filosofia*, Fortaleza, CE, v. 12 n. 23, inverno de 2015. p. 197-224.

SALLES, João Carlos (org.). *Schopenhauer e o idealismo alemão*. Salvador: Quarteto, 2004.

SCHÖNBAUMSFELD, Genia. Kierkegaard and the Tractatus. In: *Wittgenstein's Tractatus: History and Interpretation*. EDITED BY Peter Sullivan and Michael Potter, Oxford University Press, 2013.

SCHOPENHAUER, Arthur. *De la cuádruple raíz del principio de razón suficiente*. Trad. Leopoldo- -Eulogio Palacios. Madrid, Gredos, 1981.

_____. *On the Fourfold Root of the Principle of Sufficient Reason*. Trad. K. Hillebrand. London, G. Bell, 1889.

_____. *O Mundo como Vontade e Representação*. Trad. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro. Contraponto. 2001.

_____. *O Mundo como Vontade e como Representação*. Tomo I. Trad. Jair Barboza. São Paulo. Unesp. 2005.

_____. *Über die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde*. Leipzig – F. U. Brodhaus, 1864.

_____. *Sobre a raiz Quadrúplice do Princípio de Razão Suficiente*. Tradução e prefácio de Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

SCHROEDER, Severin. *Wittgenstein: The Way Out of the Fly-Bottle*, Cambridge: Polity, 2006.

_____. Schopenhauer's Influence on Wittgenstein. In: *A Companion to Schopenhauer*. B. Vandenabeele (ed.) Oxford: Blackwell, 2012.

SOUZA, Draiton Gonzaga de; OLIVEIRA, Nythamar de; TAUCHEN, Jair. (Orgs). *Ética, Libertação e Direitos humanos: Festschrift for Manfredo Araújo de Oliveira*. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2021.

WEILER, Gershon (1970) *Mauthner's Critique of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.

WEINER, David Avraham. *Genius and Talent: Schopenhauer's Influence on Wittgenstein's Early Philosophy*, Rutherford: Fairleigh Dickinson University Press, 1992.

WEISSMANN, Karl. *Vida de Schopenhauer*. Editora Atalaia Limitada. – Belo Horizonte, 1980.

WITTEGENSEIN, L. *Schriften von Ludwig Wittgenstein*, vol. I. Surkamp Verlag, Frankfurt, 1960.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução e apresentação de José Arthur Giannotti. Companhia Editora Nacional Editora Da Universidade De São Paulo, São Paulo, 1968.

_____. *Tractatus Logico-philosophicus*. Trad., apres. e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. 4 reimpr. - São Paulo: Edusp, 2020.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus - Logisch-philosophische Abhandlung*. First published by Kegan Paul (London), 1922. Side-by-side-by-side edition, version 0.59 (may 12, 2021), containing the original German, alongside both the Ogden/Ramsey, and Pears/McGuinness English translations. Available at: <http://people.umass.edu/klement/tlp/>. Accessed at 31/03/2022.